

# **JUVENTUDE** (S) NOVAS REALIDADES NOVOS OLHARES

## **Organização**

Gilberta Pavão Nunes Rocha

Rolando Lalanda Gonçalves

Pilar Damião de Medeiros

**hnmus**

## AVALIADORES CIENTÍFICOS

Ana Cristina Palos  
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

Álvaro Borralho  
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

Ana Nunes de Almeida  
Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa

Iлона Kovacs  
Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações  
(SOCIUS) - ISEG-UL

Jorge Ávila de Lima  
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

José Machado Pais  
Licínio M. Vicente Tomás  
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

Manuel Carlos Silva  
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.NOVA.UMinho

Manuel Lisboa  
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.NOVA | Faculdade de Ciências  
Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Piedade Lalanda  
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

Rolando Lalanda Gonçalves  
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

Rui Brites  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

## ÍNDICE

- 7 Introdução  
*Rolando Gonçalves / Gilberta Pavão Nunes Rocha / Pilar Damiano de Medeiros*
- 19 Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios  
*José Machado Pais*
- 43 Inserção no mercado de trabalho: percursos de emprego e de vida de jovens (ISEG-UL)  
*Ilona Kovács*
- 73 Acesso ao mercado de trabalho jovens com baixas qualificações escolares e de contextos sociais desfavorecidos  
*Fernando Diogo / Patrícia Faria*
- 103 Os desafios da reconversão profissional de jovens nas atividades do setor primário: o caso do projeto Terra Nostra – capacitação com raízes  
*Francisco Simões / Rui Drumonde*
- 123 Juventude(s) e escolhas de futuro: do risco ao arriscar  
*Maria Manuel Vieira*
- 149 Praxes académicas: jovens e desafios de integração no ensino superior.  
*Suzana Nunes Caldeira / Osvaldo Silva / Maria Mendes / Susana Botelho*
- 169 Perceção dos alunos universitários relativamente à adoção de crianças por famílias homossexuais  
*Osvaldo Silva / Áurea Sousa*
- 183 A tutoria escolar como factor promotor do sucesso escolar e do bem-estar de jovens: impactos de uma prática  
*Francisco Simões*
- 209 A consciência geracional e continental nos jovens portugueses: entre media e consumos os desafios para uma nova economia cultural europeia  
*Vania Baldi*
- 223 Cidadania global e os novos movimentos juvenis: lutas por redistribuição e reconhecimento  
*Paulo Vitorino Fontes*
- 243 Notas biográficas

## INTRODUÇÃO

Gilberta Pavão Nunes Rocha  
Rolando Lalanda Gonçalves  
Pilar Damião de Medeiros

A problemática da juventude tem vindo a constituir uma das linhas de investigação mais duradoiras no âmbito da investigação sociológica realizada na Universidade dos Açores designadamente a enquadrada no então Centro de Estudos Sociais, atualmente CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc.<sup>1</sup> Com efeito, em 1990, com o apoio da Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos foi publicado o livro a “Situação e aspirações da Juventude nos Açores” da autoria de Francisco Carmo, Gilberta Rocha e Octávio Medeiros e em 1995 o livro “A juventude Açoriana: Caracterização, Valores e Aspirações” de Gilberta Rocha, Octávio Medeiros e Fernando Diogo, estudo e edição também apoiados pela Secretaria Regional da Juventude, Emprego, Comércio, Indústria e Energia do Governo Regional dos Açores. Salienta-se, ainda, que ao longo das últimas décadas, no quadro institucional acima referido, com a participação de Gilberta Pavão Nunes Rocha, Fernando Diogo, Ana Cristina Palos, Suzana Caldeira, Ana Diogo, Licínio Tomás, Álvaro Borralho e Rolando Lalanda-Gonçalves foram publicados estudos, artigos e relatórios sobre a temática juvenil, em especial os relacionados com as problemáticas das trajetórias escolares e profissionais e as da institucionalização e exclusão social dos jovens.

---

1 O CICS.UAc é uma Unidade de Investigação da Universidade dos Açores, com regulamentos próprios desta Instituição de Ensino Superior - e que, simultaneamente, integra o CICS.NOVA. enquanto polo da Universidade dos Açores, CICS.NOVA.UAc - que substitui o anterior Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores (CES-UA). Esta substituição decorre não só da criação ou alteração das unidades de investigação da Universidade dos Açores, como da integração desta unidade no CICS.NOVA, através de protocolo com a Universidade dos Açores, no concurso nacional da Fundação de Ciência e Tecnologia, (FCT) de 2013.

Dando sequência aos trabalhos anteriormente realizados e no âmbito de uma longa cooperação entre o Governo Regional dos Açores e a Universidade dos Açores foi criado, em 2011, o Observatório da Juventude dos Açores (OJA) com a assinatura de um Protocolo de Cooperação entre a Direção Regional da Juventude e o Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores e mais recentemente com o CICS. UAc.

O OJA iniciou a sua atividade em 2013 tendo realizado ainda nesse ano um primeiro Colóquio subordinado ao tema “Dilemas e Desafios da(s) Juventude(s) Europeia(s) no Século XXI” a que se seguiu, em 2014, um Colóquio Internacional centrado nos “Desafios da Juventude nas Regiões Ultraperiféricas”.

Estes dois colóquios estão na origem deste primeiro livro que reúne um importante número de reflexões que abordam as múltiplas transições e os desafios que se colocam à juventude nesta primeira década do século XXI, tendo em especial atenção as características da juventude açoriana. Queremos agradecer a todos os participantes e avaliadores científicos o contributo para a edição desta obra.

No quadro geral das trajetórias juvenis, a aquisição de capital cultural através do percurso escolar (escolarização), das práticas que provêm da família de origem (capital estatutário) e das aprendizagens extraescolares (Bourdieu, 1964) são consideradas fundamentais para a compreensão dos desafios com que a(s) juventude(s) se encontra(m) confrontada(s). Para este autor, Bourdieu, está em causa a mobilização, pelos jovens, de um conjunto de recursos diretamente ligados aos contextos sociais de inserção, nos quais devemos incluir o campo político através dos diferentes sistemas de incentivos contidos nas políticas públicas para a juventude.

Entende-se, ainda, que é neste contexto que podem ser compreendidas as múltiplas transições, nomeadamente, a da assunção da conjugalidade, a da participação social e política, a da transição entre o sistema escolar e/ou universitário e/ou para o mercado de trabalho a que estão sujeitas as juventudes(s) numa era global profundamente marcada pela incerteza e risco. De acordo com A. Giddens, *“a noção de risco [...] é inseparável das ideias de probabilidade e de incerteza [...] O risco refere-se a perigos calculados em função de possibilidades futuras. Só tem uso corrente numa sociedade orientada para o futuro. Uma sociedade que tenta ativamente desligar-se do passado – na realidade, a primeira*

*característica da civilização industrial da era moderna.” (2000, 32-33). Ora, é na sequência desta mudança paradigmática, que Ulrich Beck, tal como Giddens, sugere uma análise compreensiva tendo como base um denominador comum: a ‘modernização reflexiva’. Para o autor, este conceito “pode ser diferenciado em contraposição a um equívoco fundamental. [...] não implica (como pode sugerir o adjetivo “reflexivo”) reflexão, mas (antes) autoconfrontação. A transição do período industrial para o período de risco da modernidade ocorre de forma indesejada, despercebida e compulsiva no despertar do dinamismo autónomo da modernização, seguindo o padrão dos efeitos colaterais latentes. Pode-se virtualmente dizer que as constelações da sociedade de risco são produzidas porque as certezas da sociedade industrial (o consenso para o progresso ou a abstração dos efeitos e dos riscos ecológicos) dominam o pensamento e a ação das pessoas e das instituições na sociedade industrial. A sociedade de risco não é uma opção que se pode escolher ou rejeitar no decorrer de disputas políticas. Ela surge na continuidade dos processos de modernização autónoma, que são cegos e surdos a seus próprios efeitos e ameaças. De maneira cumulativa e latente, estes últimos produzem ameaças que questionam e finalmente destroem as bases da sociedade industrial”.* (Beck, 1995: 16). Sendo assim, falar de juventude(s), seus dilemas e desafios no século XXI requer uma análise complexa que, para além de contemplar a pluralidade das experiências juvenis, a simultaneidade de experiências e a nova complexidade das relações sociais, consiga também identificar as características da nova condição humana dos Jovens, agora marcada pelo metamorfismo, incerteza e simultaneidade.

A problemática da juventude é abordada por diversos autores da sociologia portuguesa de que se salientam os trabalhos pioneiros de Machado Pais (Pais, 1993,1999, 2001) que desde os anos oitenta do século XX tem vindo a construir um quadro de referência teórico e metodológico importante. Não deixam, também, de ser significativos os inúmeros estudos sociológicos, económicos, políticos ou culturais que direta ou indiretamente abordam a problemática juvenil: entre outros sublinham-se ainda os de Teixeira Fernandes, Teixeira Lopes, Sedas Nunes, Maria das Dores Guerreiro, Pedro Abrantes e Ilona Kováčz. (Machado, 2009).

Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes (2004) no livro “Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família” puseram em evidência a pluralidade dos percursos juvenis que configuram diver-

sas juventude(s), com uma topologia que diferencia: as “transições profissionais” (centradas no investimento quase exclusivo no trabalho relegando os projetos familiares ou de lazer para um futuro mais ou menos longínquo); as “transições lúdicas” (caracterizadas por longos trajetos de escolaridade, pela mobilidade e com investimento em atividades lúdicas); as “transições experimentais” (estruturadas a partir por uma sucessão de configurações de vida temporárias e imprevisíveis); as “transições progressivas” (caracterizadas por diferentes etapas onde o fim da escolaridade, a entrada no mercado de trabalho, a progressão na carreira (etc.) são sucessivamente assumidas); as “transições antecipadas (definidas por uma entrada precoce na conjugalidade ou na parentalidade); as “transições precárias (marcadas por percursos de constante (re) adaptação dos jovens às condições que lhe vão sendo impostas e as “transições desestruturantes” (caracterizadas pela desintegração a nível familiar, desemprego de longa duração, exclusão social, modos de vida marginais...(etc.) (Guerreiro & Abrantes, 2004:150-164).

A configuração destas trajetórias permite compreender muito melhor as dinâmicas sociais de transformação que temos vindo a observar nos quadros regional, nacional e europeu. Com efeito, estamos neste contexto, como refere Bourdieu, perante um conjunto de “princípios geradores” (*habitus*) que fornecem múltiplas respostas às diversas situações encontradas: perante o “habitual” reproduz-se esquemas comportamentais adquiridos e face a situações inéditas poder-se-á ser levado a inovar. Estes esquemas, como também demonstrou Bourdieu, estão profundamente ligados ao “sentido prático” torna-se por isso uma “... segunda natureza inconsciente. A aprendizagem tornada invisível é colocada à luz do dia quando um individuo é colocado num meio social que não é o seu. Ele deve então agir controlando conscientemente os seus gestos, as suas atitudes, as suas maneiras de se exprimirem ... para estar em concordância com o seu novo meio” (Dortier, 2008:73)

Neste sentido, a juventude torna-se num objeto científico multifacetado e uma problemática que entra na agenda política quer seja através do papel das associações juvenis, como da pressão da opinião pública preocupada com as disrupções que se produzem como o desemprego, os comportamentos desviantes ou a emigração de jovens qualificados, principalmente sentidos nos últimos anos.

O emprego agravou-se de modo significativo nos últimos anos em muitos países da UE, com particular destaque para Portugal cuja Taxa

de Desemprego aumentou entre 2010 e 2013. Se na primeira data o valor ainda se apresenta semelhante à tendência de anos anteriores, da ordem dos 10%, já em 2013 este situava-se nos 16,2%. Apesar da diminuição observada nos anos subseqüentes os quantitativos, da ordem dos 12%, ainda não estão ao nível dos atingidos na primeira década deste século. Mas estes valores globais escondem as diferenças geracionais relevantes pois os valores respeitantes à Taxa de Desemprego dos jovens em 2012 e 2013 são muito mais elevados, da ordem dos 38% na faixa etária dos 15 aos 24 anos e de cerca de 19% na de 25-34 anos.

Não admira, assim, que as questões relacionadas com o mercado de trabalho, a transição para a vida ativa e muito especialmente o desemprego, bem como a precariedade do trabalho da população jovem concentre uma parte significativa da investigação realizada sobre a transição juvenil e dos capítulos apresentados nesta obra. O mesmo acontece com a formação, a aquisição de competências e os seus constrangimentos, que permitirão ou dificultarão o futuro exercício da atividade profissional.

Entendemos organizar esta edição começando precisamente pelas questões relacionadas com o trabalho e o emprego seguindo-se as respeitantes à educação, para posteriormente apresentarmos os capítulos que se centram sobre a cidadania e os novos movimentos sociais. No primeiro caso temos as reflexões de José Machado Pais, Ilona Kovács, Fernando Diogo e Patrícia Faria, bem como de Francisco Simões, um conjunto de quatro capítulos nos quais encontramos abordagens distintas, mais teóricas e globais, por um lado, ou mais empíricas e particularizadas, por outro, que suscitam importantes interrogações acerca da multiplicidade das trajetórias juvenis em contextos sociais cada vez mais plurais e incertos.

No capítulo de José Machado Pais intitulado “*Jovens, Trabalho e Futuro: desafios e dilemas*” o autor procura compreender as reações dos jovens face ao desemprego e à precariedade de trabalho. Centrado na análise do ethos criativo de jovens trendsetters e nas atitudes de jovens nem-nem (que nem estudam nem trabalham) procura mostrar que os que estão sujeitos a uma crise podem também ser produtores de um advir, de um porvir. Como afirma Machado Pais “... *O Estado em vez de defender a dependência, deveria combatê-la, deixando-se de atitudes paternalistas, passando a promover buscas autónomas de trabalho. Nesta*

*filosofia, o combate contra a pobreza e a exclusão social deveria transformar-se numa luta contra a dependência em relação ao Estado Social.”*

No de Ilona Kovács intitulada “*inserção no mercado de trabalho percursos de emprego e vida dos jovens*” a autora demonstra como a flexibilização do mercado de trabalho afeta particularmente os jovens e como num contexto marcado pela incerteza a transição para a vida adulta tende a tornar-se num processo mais prolongado, não linear, diferenciado e individualizado. Neste sentido, a precariedade laboral insere-se numa lógica de exclusão social onde as oportunidades de escolha são mais limitadas. As desigualdades no acesso ao mercado de trabalho e de transição para a vida adulta evidenciam o distanciamento entre os jovens pouco escolarizados ou qualificados e os jovens dos segmentos sociais mais favorecidos.

Fernando Diogo e Patrícia Faria “*Acesso ao mercado de trabalho de jovens com baixas qualificações e de contextos sociais desfavorecidos*” mostram como a escolaridade é fundamental no acesso ao mercado de trabalho e como as representações da escola são determinantes nos percursos escolares dos jovens. Os autores põem em evidência o carácter reprodutivo da relação frágil com o mercado de trabalho, e como esta contribui, assim, para perpetuar a pobreza entre gerações. Esta dinâmica reprodutiva é tanto mais constritiva quanto os percursos profissionais marcados pela precariedade e instabilidade levam os jovens a permanecer num círculo de pobreza que reproduz a condição social dos seus pais. Porém, os autores concluem que mesmo entre estes jovens de contextos sociais desfavorecidos existem vários caminhos possíveis no acesso ao mercado de trabalho.

Francisco Simões no capítulo “*Os desafios da reconversão profissional de jovens nas atividades do setor primário*” propõe uma reflexão acerca dos fatores que poderão favorecer uma identificação dos jovens com a agricultura, em especial daqueles que vivem em situação de maior vulnerabilidade. Nesta perspetiva, o autor procura através da análise crítica do projeto “*Terra Nostra-capacitação com raízes*” mostrar a importância de referenciais territoriais para a mobilização dos jovens para as atividades agrícolas percecionadas, neste contexto, como oportunidades de emprego. Porém, esta relação dos jovens com a agricultura, sobretudo dos que apresentam percursos marcados pela vulnerabilidade, não deixa de levantar inúmeros desafios designadamente os que se prendem

com a identificação por parte dos jovens da modernidade aos valores associados à vida urbana em contraponto à vida rural.

As análises respeitantes ao processo formativo dos jovens, são analisadas nos capítulos da responsabilidade Maria Manuel Vieira e Francisco Simões, sendo o ensino superior abordado por Suzana Nunes Caldeira, Osvaldo Silva, Maria Mendes, Susana Botelho e Áurea Sousa.

No que diz respeito às trajetórias escolares a reflexão de Maria Manuel Vieira *“Juventude(s) e escolhas de Futuros: do risco ao arriscar”* enfatiza os contextos de incerteza nos quais os jovens constroem os seus projetos de futuro por via das escolhas escolares pondo em evidência que muitos jovens estudantes parecem desejar arriscar (ser fiéis a si próprios, perseguir os seus sonhos) - apesar dos riscos.

Segundo a autora, perante a atual era de incerteza e de risco, o discurso sobre os jovens parece dividir-se entre dois registos: o da celebração e o da crise. Afirmo a necessidade de contrariar os discursos correntes sustentados em perspetivas adultocêntricas para melhor compreender as novas dinâmicas associadas às narrativas de vida dos jovens. Nesta medida, argumenta que se *“deve evitar compromissos vocacionais precoces e definitivos, equacionar alternativas e possibilidades de escolha tanto tempo quanto for possível, manter o futuro em aberto representa solução que muitos adotam para amortecer angústias e incertezas.”* Ainda, segundo Maria Manuel Vieira, os jovens adolescentes analisados no seu trabalho *“demonstram desejar arriscar (hipóteses de futuro) apesar dos riscos (de falência das mesmas), ainda que dentro de certos limites. Afinal, parece ser o horizonte possível para a projeção de futuros, em contexto de incerteza, como aquele que se oferece hoje aos jovens.”*

Suzana Nunes Caldeira, Osvaldo Silva, Maria Mendes e Susana Botelho no capítulo *“Jovens e desafios de integração no ensino superior”* analisam as perceções dos jovens sobre situações de *bullying*, designadamente no período da praxe académica, com vista a perceber se esta funciona como um momento de acolhimento ou antes como um período de constrangimento. Utilizando como instrumentos de recolha a “Escala de Avaliação das situações de Bullying nas praxes do Ensino Superior (EABES) de Matos, Jesus, Simões e Nave e o “Questionário de Bullying no Ensino Superior (BES) os autores através de testes não paramétricos procuram compreender como os estudantes da Universidade dos Açores do *Campus* de Ponta Delgada percecionam a praxe acadé-

mica, ou seja, se salientam a dimensão positiva, bondosa e integradora ou a negativa perversa e ostracizadora

Os autores concluem que os jovens que acedem à Universidade dos Açores percebem a praxe como uma oportunidade para alargarem o seu leque de relações interpessoais ou um suporte afetivo para a integração. Porém, a relação positiva com a praxe não é uniforme havendo sobretudo jovens das áreas de Ciências da Educação, Economia e Gestão e História, Filosofia e Ciências Sociais em que “a relação negativa com a praxe” (EASBES) tende a superar a relação positiva. Os autores sobrealçam, ainda, o papel protetor do contexto sociofamiliar e cultural dos jovens na adaptação e ajustamento ao ensino superior em famílias com habilitações académicas de nível superior. Uma vez mais os percursos diferenciados dos jovens, neste caso na integração no ensino superior, encontram-se determinados pela origem social dos pais.

Oswaldo Silva e Áurea Sousa “*Perceção dos alunos universitários relativamente à adoção de crianças por famílias homossexuais*” analisam a receptividade dos estudantes relativamente à adoção de crianças por famílias homossexuais, constatando que 89% dos inquiridos não são contra a adoção por um casal homossexual quando uma criança se encontra institucionalizada. Os autores salientam, ainda, a relevância e pertinência deste tema, que deverá ser alvo de outros estudos, que contemplem uma amostra de maior dimensão e mais abrangente, no sentido de apurar também a percepção da população em geral relativamente à adoção de crianças por famílias homossexuais, atendendo a diversas variáveis de índole sociodemográfica e psicológica. Argumentam que uma maior consciencialização da sociedade em geral e dos principais intervenientes sociais é fundamental, por forma a minimizar os principais fatores externos (reações sociais negativas) que ameaçam o bem-estar das crianças adotadas por famílias homoparentais.

Francisco Simões aborda a temática da “*A tutoria como fator promotor do sucesso escolar e do bem-estar dos jovens*” e analisa os principais resultados da Metodologia TUTAL, um programa de tutoria escolar criado nos Açores e disseminado em algumas escolas portuguesas. Considerando que a função socializadora da Escola contemporânea enfrenta intensos e múltiplos desafios, nomeadamente a rígida formalização da aprendizagem, no intuito de classificá-la e certificá-la, deixando uma margem reduzida para o desenvolvimento de ações de cariz não-formal ou informal que estão na base da sua função socializadora (Armstrong

et al., 2011). O autor propõe a Metodologia TUTAL, que assenta num programa de tutoria escolar com três objetivos: (a) a promoção do sucesso académico de alunos mais vulneráveis; (b) a redução do absentismo e do abandono escolares; e (c) o incremento de uma comunicação tendente à cooperação entre a escola e a família. Para o autor, os resultados encontrados neste projeto *“parecem legitimar a ideia de que a sobreposição das funções de ensino e tutoria tem méritos. A simultaneidade destas funções poderá ter contribuído para reforçar a focalização da tutoria nas necessidades de competência dos alunos. A experiência pedagógica e didática do tutor, o seu conhecimento do tutorando como aluno e a própria imersão da tutoria na dinâmica permanente da turma terão, pois, ajudado a estreitar os laços entre os objetivos académicos da tutoria e os objetivos ligados ao desempenho e integração escolares”* (Alarcão & Simões, 2008).

A problemática da cidadania e da participação dos jovens nos diversos movimentos sociais foi abordada por Vania Baldi na sua comunicação *“A consciência geracional e continental nos jovens portugueses: entre media e consumos os desafios para uma nova economia cultural europeia”* onde questiona se as novas gerações, através dos seus consumos culturais e práticas mediáticas, refletem um cosmopolitismo europeu ou, eventualmente, uma inconsciência europeia e Paulo Vitorino Fontes no estudo denominado *“Cidadania global e os novos movimentos sociais: lutas por redistribuição e reconhecimento”* discute as características associadas com a participação dos/as jovens nos mais recentes movimentos sociais, prestando especial atenção às dinâmicas contemporâneas de formação de redes e ao surgimento do movimento da globalização alternativa. Após uma resenha sócio-histórica e heurística sobre a composição sociológica dos movimentos sociais, o autor destaca o contributo de Boaventura de Sousa Santos para a análise dos *“movimentos sociais globais”* (Della Porta e Diani ([1999] 2006), agora profundamente marcados pela heterogeneidade de atores e de lutas que reivindicam o reconhecimento de *“outro mundo possível”*. Convoca, ainda, na sua análise o contributo da obra de Axel Honneth para uma melhor interpretação intersubjetiva e moral das lutas sociais emergentes. Pois segundo Honneth, é a partir das experiências morais de desrespeito que se pode mobilizar a ação coletiva, quando estas são articuladas com outros sujeitos com vivências semelhantes, *“num quadro interpretativo intersubjetivo que as comprova como típicas para todo um grupo”* (Hon-

neth [1992] 2011: 220). Desta forma, “a formação de movimentos sociais depende da existência de uma semântica coletiva que permite interpretar as experiências pessoais de desengano como algo que atinge não somente o eu individual, mas igualmente um círculo de muitos outros sujeitos” (Honneth [1992] 2011: 220).

Num conjunto de 10 capítulos, bastante diversificados, cremos que esta obra abre inúmeras pistas de reflexão que possibilitam um melhor conhecimento da sociedade portuguesa, em especial da açoriana. As políticas públicas para a juventude podem por isso ter em conta estes importantes contributos no sentido da sua orientação para uma melhor adequação às realidades plurais reveladas nos diversos capítulos onde os autores procuram por em evidência a natureza dos desafios que se colocam às juventude(s) com um novo olhar face às realidades sociais que se lhes impõem. Como afirmou, no primeiro capítulo deste livro, Machado Pais são necessárias “...políticas criativas que tomem os jovens como agentes de inovação”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECK, Ulrich, Giddens, Anthony & Lash, Scott (1995), *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo, Unesp.
- BOURDIEU, Pierre & Passeron, Jean Claude (1964), *Les Héritiers. Les étudiants et la Culture*. Paris, Minuit.
- DORTIER, Jean-François (2008), “Médiations Pascaliennes” in Bourdieu, Pierre, *son oeuvre, son heritage*. Auxerre, Éditions Sciences Humaines, coll. «Petite Bibliothèque», 70-74.
- DUBET, François (1994), *Sociologie de l'expérience*. Paris, Seuil.
- GIDDENS, Anthony (2000), *O mundo na era da globalização*. Lisboa, Presença.
- GUERREIRO, Maria das Dores e Abrantes, Pedro (2004), *Transições Incertas. Os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa, DGEEP.CID.
- MACHADO, Fernando Luís (2009), “Meio século de investigação sociológica em Portugal - uma interpretação empiricamente ilustrada”, *Sociologia*, vol. 19, Porto, Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 283-343.
- PAIS, José Machado (1990), “A construção sociológica da juventude-alguns contributos”. *Análise Social* Vol XXV(105-106), (1º,2º), 139-165.

## INTRODUÇÃO

PAIS, José Machado (1993), *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PAIS, José Machado (org.) (1999), *Traços e riscos de vida*. Porto, Âmbar.

PAIS, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e biscates*. Porto, Âmbar.

TOURAINE, Alain (1993, 1ª Ed. 1973), *La production de la société*. Paris, Livre de Poche.

JUVENTUDE(S): NOVAS REALIDADES. NOVOS OLHARES

Organização:

Gilberta Pavão Nunes Rocha

Rolando Lalanda Gonçalves

Pilar Damião de Medeiros

Diretor da coleção: Manuel Carlos Silva

Subdiretores: Luís Baptista e Ana Paula Marques

Capa: António Pedro

© Edições Húmus, Lda., 2016

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão

1.ª edição: Julho de 2016

Depósito Legal: 411534/16

ISBN: 978-989-755-213-7

Coleção Debater O Social – 39

**Este livro foi objecto de avaliação científica**